



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED – HUÍLA

Departamento de Ciências Sociais

Secção de Filosofia

**A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA
NYANEKA/OVAMWILA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA
DA HUÍLA**

AUTOR: JOSÉ JOAQUIM AMARO

LUBANGO

2021



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED – HUÍLA

Departamento de Ciências Sociais

Secção de Filosofia

**A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA
NYANEKA/OVAMWILA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA
DA HUÍLA**

Trabalho de Fim de Curso Apresentado Para a Obtenção
do Título de Licenciatura em Ensino da Filosofia

AUTOR: JOSÉ JOAQUIM AMARO

ORIENTADOR: Dr. MANUEL BARTOLOMEU

Lubango

2022



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED-Huíla

Ao Exmo.
Senhor Director Geral Adjunto para
Área

Científica do
ISCED-Huíla

DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Eu, Manuel Bartolomeu, Docente com o grau académico de mestre afecto à Secção de Filosofia, declaro ter orientado o Trabalho de Licenciatura do estudante José Joaquim Amaro, município do Lubango, cujo título é *a problemática da Morte na etnia nyaneka/ovamwila: um estudo realizado na comuna da huila*.

O trabalho teve início em Fevereiro de 2021 e terminou em Julho de 2021, totalizando 5 meses.

Declaro ter cumprido as normas e regulamentos da instituição. Assim, o trabalho cumpre requisitos científicos de elevada qualidade, nas vertentes académicas, metodológicas, ética e formal.

Lubango, 25 de Julho de 2021.

O orientador

Msc. Manuel Bartolomeu



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA
ISCED-Huíla

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tenho consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu JOSÉ JOAQUIM AMARO, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-Huíla) do curso de ENSINO DA FILOSOFIA, do Departamento de Ciências Sociais, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 25 de Julho de 2021.

O Autor

José Joaquim Amaro

ABREVIações E SIGLAS

Cfr.....	Conferir
Cit.....	Citado por, conforme, segundo
Col/s.....	Coluna/s
Dr.....	Doutor
Ed.....	Edição
Id.....	Idem (do mesmo autor)
In.....	no/na
ISCED.....	Instituto Superior de Ciências da Educação
Nº.....	Número
P.....	Página
Pe.....	Padre
PP.....	Páginas

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão a Deus por me conceder o dom vida para terminar o curso.

Aos meus amados pais Agostinho Paulo Amaro e Virgínia Ana (feliz memória).

De forma especial, agradeço ao Prof. Manuel Bartolomeu, pela disponibilidade em orientar-me, pela paciência com que ouviu as minhas dúvidas e inquietações e pela maneira sábia e elucidativa que soube dar contribuições valiosas que ajudaram a dar forma a este trabalho.

Meus agradecimentos são extensivos aos meus irmãos, familiares e professores (Dr. Luís Adriano, Dr. Narciso Félix José Nhulivali, Dr. Matias Amaro, Dr. Fátimo dos Santos Agostinho, ao Dr. Lisender Cabral, a Dra. Hirondina Maria celeste Agostinho, Dra Luísa Cabral , Pe. Simeão Kaita, Pe. Kayke Chivandja, sr. Adriano Pascual Rafael Agostinho, Natália Maria Agostinho, Virginia Joana Otília Agostinho, Eleutéria Joana Agostinho Liberman).

Aos meus amados amigos (José Horácio Kasambole, Júlio José Jacob, Valéria Nandala Chilala e Elisa Maria Mutola) e aos nossos entrevistados (Agostinho Kakuarta, Dionísio André, Fiel Amaro, Vicente de Paulo) e a todos que directa ou indirectamente estiveram comigo na construção deste trabalho.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Agostinho Paulo Amaro e Virgínia Ana, em repouso eterno, por serem a prova insofismável da razão da minha existência e por me despertarem o interesse e a utilidade da escola

RESUMO

O presente trabalho procurou fazer uma descrição sobre “*A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA NYANEKA/OVAMWILA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA DA HUÍLA*”. Para a concretização do nosso objectivo, recorreu-se à análise de diversa bibliografia e através de inquérito por entrevista semi-directiva. Assim, o nosso trabalho está dividido em três capítulos. No Capítulo I, começamos por apresentar concepções de diversos autores sobre o conceito de Morte (na idade Antiga, Moderna, Contemporânea e a visão Africana e Local).

No capítulo II, por ser cerne do nosso trabalho, procuramos primeiramente apresentar uma breve história da comuna da Huíla e posteriormente descrever a problemática da morte da mesma comunidade dos nyaneka-ovamwila, com consequências tão nítidas no contexto social. Foi feita também uma descrição das principais consequências deste fenómeno que chamamos de Morte.

No capítulo III, fez-se a análise e interpretação das respostas obtidas através do inquérito por entrevista semi-directiva, aplicado a sekulus e chefes de famílias das aldeias do Quilómetro dezasseis; dos quais ficamos a saber os efeitos a serem produzidos após a elaboração da fundamentação e Quadro metodológico desta pesquisa.

Palavras-chave: Morte, Feitiço, Nyaneka-Ova mwila, Comuna da Huíla.

ABSTRACT

The present work tried to do a description on "THE PROBLEM OF the DEATH IN ETNIA NYANEKA/OVAMWILA: A STUDY ACCOMPLISHED IN the COMMUNE OF HUILA". Para the materialization of our objective, was fallen back upon the analysis of several bibliography and through inquiry for interview semi-directive. Like this, our work is divided in three chapters. In the chapter I, we began by presenting several authors' conceptions on the concept of Death (in the age Old, Modern, Contemporary and the African and Local vision).

In the chapter II, for being duramen of our work, we tried firstly to present an abbreviation history of the commune of Huíla and later to describe the problem of the death of the same community of the nyaneka-ovamwila, with such clear consequences in the social context. It was also made a description of the main consequences of this phenomenon that we called Death.

In the chapter III, it was made the analysis and interpretation of the answers obtained through the inquiry by interview semi-directiva, applied the sekulus, and bosses of families of the villages of the Quilómetro dezasseis; of which we were to know the effects to be produced after the elaboration of the recital and methodological Picture of this research.

Word-key: Death, Sorcery, Nyaneka-Ovamwila, Commune of Huíla.

INDICE GERAL

DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA	I
DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA.....	II
ABREVIACÕES E SIGLAS	III
AGRADECIMENTOS	IV
Dedicatória	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT	VII
Introdução	1
INTRODUÇÃO	2
1. SITUAÇÃO PROBLEMATICA	2
2. O PROBLEMA CIENTIFICO.....	3
3. OBJECTO DA INVESTIGAÇÃO.....	3
4. CAMPO DE ACÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	3
6. OBJECTIVOS.....	4
7. OBJECTIVO GERAL	4
8. TAREFAS DA INVESTIGAÇÃO CIÊNTEFICA	4
9. JUSTIFICAÇÃO DO TEMA	4
10. RELEVÂNCIA DO TEMA	5
11. METODOLOGIA.....	5
12. DE NÍVEL TEÓRICO.....	5
13.1 DE NÍVEL EMPIRICO	6
Iº CAPÍTULO	7
CAPITULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS QUE SUSTENTAM AS INVESTIGAÇÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA NYANEKA/OVAMUJILA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA DA HUILA.....	8
1.1 A Morte na antiguidade	8
1.2 A Morte na época Moderna	10
1.3 O Conceito de Morte na era Contemporânea.....	13
1.4 A visão da Morte para o africano.....	17

1.5 O Significado da Morte para os Nyaneka-Ovamuíla.....	18
IIº CAPÍTULO.....	21
CAPITULO II: DIAGNÓSTICO DO ESTADO ACTUAL SOBRE A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA-NYANEKA/OVAMUÍLA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA DA HUÍLA.....	22
2.1- Breve historial da Comuna da Huíla.	22
2.1 O homem diante da morte na comuna da Huíla.....	24
2.2 Origem dos Nyanekas.....	25
2.4 Distribuição do Povo Nyaneka	26
2.5 Rituais Fúnebres	27
2.6 O Conceito de Feitiço.....	28
2.6.1 Classe dos Feiticeiros.....	29
2.7 A Herança e a sua partilha na comunidade dos Nyanekas/Ovamuílas	30
IIIº CAPÍTULO	33
CAPITULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO INQUÉRITO POR ENTREVISTA...	34
3.1- Preliminares da Investigação	34
3.1.1- População.....	34
3.1.2 – Caracterização da Amostra	34
3.2 Instrumento da nossa Pesquisa	34
3.3- Análise do conteúdo das entrevistas.....	34
3.4 Discussão e implicações dos Resultados.	38
3.4.1 População e amostra.	38
CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	41
Conclusões.....	42
Sugestões	43
Referências Bibliográficas	44

Introdução

INTRODUÇÃO

A morte é um fenómeno muito alarmante na qual deixa todos os seres humanos sem resposta visto que transcende a capacidade cognitiva da pessoa humana e leva a crer para os cristãos que existe um ser superior a todos nós, que este ser só pode ser Deus, criador do universo.

1. SITUAÇÃO PROBLEMATICA

Para Quivy & Compenhadt (2005) quando se inicia uma investigação, de uma forma geral, sabe-se o que se quer partindo de um problema, no entanto, não é tão evidente a forma como abordar o problema. Assim, a morte constitui um imenso problema quando o homem se interroga sobre as seguintes questões: O que é a morte? De onde vamos depois dessa vida terrena? Qual é o significado da morte para com ser o humano? Qual é a visão da morte para os nyaneka-ova mwila?

➤ **Situação Real:**

Para começar gostaria de dizer que a morte é um fenómeno que transcende a capacidade cognitiva humana, de tal forma que ela se torna um grande mistério. Assim, assiste-se que a morte de um parente na comunidade dos nyaneka-ova mwila não pode ter acontecido do nada é sempre fruto de um espírito do passado. Desta forma, busca-se o curandeiro para se ter a certeza de que ele tenha morrido de forma natural, a partir do sacrifício de um animal faz-se adivinhas para determinar as causas da morte que faz um rescaldo do passado até a data presente para que se evite mais morte na sua comunidade; nesta adivinha se se provar que é um indivíduo da comunidade também é morto de forma súbita. Que envolve já as práticas ocultas como é o da feitiçaria.

➤ **Situação desejada:**

A não inculturação do Evangelho, por exemplo, no caso dos huilanos (os nyaneka-ova mwila) para além das consequências apontadas acima, também podemos mencionar outras consequências, como o colocar pertenças do morto

na campa, o pensar que os mortos caminham sempre a nosso lado e que podem interferir na vida dos vivos, para proteger ou para fazer mal, daí o grande medo dos habitantes da Comuna da Huíla pelos espíritos, etc. Tudo isso põe em causa a concepção escatológica no sentido cristão do termo, cuja falha é sobejamente conhecida: a falta de uma verdadeira encarnação do Evangelho na cultura tradicional dos huilanos, em particular da comuna referida. Mas, de lembrar, que tal inculturação ao Evangelho devia ser encabeçada por membros autóctones, para que eles não os vissem como um destruidor da cultura.

2. O PROBLEMA CIENTIFICO

Tendo em conta a situação real encontrada, e de acordo a situação desejada, formulei o seguinte problema científico:

Qual é a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila?

3. OBJECTO DA INVESTIGAÇÃO

Esta investigação tem como objecto de estudo «a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila: um estudo a ser realizado na comuna da Huíla».

4. CAMPO DE ACÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O nosso trabalho na sua parte mais prática será realizado na Comuna da Huíla.

5. PERGUNTAS CIENTIFICAS

- Quais são os referentes teóricos que sustentam a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila: um estudo a ser realizado na comuna da Huíla?

- Qual é o Diagnóstico do estado actual sobre a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila: um estudo a ser realizado na comuna da Huíla?
- Quais os efeitos a serem produzidos após a elaboração da fundamentação e Quadro metodológico desta pesquisa?

6. OBJECTIVOS

Além do objectivo geral, Para Mezzaroba & Monteiro (2008) «sempre surgirão outros objectivos secundários e mais específicos a serem alcançados com o resultado da pesquisa. Dessa forma, para cada capítulo podemos estabelecer um ou mais objectivos que estarão voltados tão-somente para aquela parte da pesquisa» (p.206).

7. OBJECTIVO GERAL

Descrever a problemática da morte na etnia dos nyaneka-ova mwila;

8. TAREFAS DA INVESTIGAÇÃO CIÊNTIFICA

Fundamentação dos referentes teóricos que sustentam a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila: um estudo a ser realizado na comuna da Huíla.

Diagnóstico do estado actual sobre a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila: um estudo realizado na comuna da Huíla.

Quais os efeitos a serem produzidos após a elaboração da fundamentação e Quadro metodológico desta pesquisa.

9. JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

Nas culturas africanas e não só, em particular para o bantu a morte é entendida como um rito de passagem, um trânsito, uma metamorfose, um estágio mais avançado, de onde os mortos garantiam, por meio de metáforas e sonhos, formas constantes de comunicação com seus familiares. Por essa razão, motivou-nos, falar deste assunto **“a problemática da morte na etnia nyaneka-ova mwila: um estudo a ser realizado na comuna da Huíla”**, por

este fenómeno constituir um grande mistério de forma geral, em particular aos habitantes da comuna da Huíla visto que quando morre uma pessoa tentam buscar sempre as causas da mesma a partir de práticas ocultas (advinhas), tendo como ponto de partida o sacrifício de um animal.

10. RELEVÂNCIA DO TEMA

Do ponto de vista teórico

Visa contribuir para o enriquecimento da bibliografia já existente de forma geral e em particular a comuna da Huíla.

Do ponto de vista prático

Elaborar um material de consulta bibliográfica, para suprir a escassez da bibliografia sobre a morte na visão dos-ova mwila.

11. METODOLOGIA

Para Mezzaroba e Monteiro (2008, pgs. 159 - 160) aqui você faz a opção pela modalidade de pesquisa mais adequada à consecução de seus objectivos e indica (métodos e procedimentos) que adoptará para operar com seu objecto. Neste sentido, o autor deverá indicar qual método adoptou: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo entre outros.

12. DE NÍVEL TEÓRICO

Método Histórico-lógico: que consiste na descrição histórica do problema que se pretende investigar. Este por vez, faculta uma hierarquia dos autores, isto é, desde a antiguidade até ao tempo actual; **Método reflexivo:** porque através do qual nos propusemos fazer uma reflexão racional a respeito da morte que tanto enferma os homens os actuais; **Método fenomenológico:** para fazermos um confronto da morte com a realidade actual, a partir das manifestações de algumas acções por parte dos munícipes da comuna da Huíla; **Dedutivo:** porque no nosso trabalho há assuntos que para explicar partimos de casos gerais para particulares; **Indutivo:** porque partimos de casos particulares para gerais;

13.1 DE NÍVEL EMPIRICO

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 106) «o inquérito e o questionário são técnicas e métodos muito utilizados em investigação científica, fundamentalmente nas investigações sociais, sendo classificados dentro dos métodos empíricos, partindo da observação objectiva». Deste modo, sendo o inquérito um método baseado em perguntas e respostas escritas, com ele obtiremos informações a partir de uma selecção representativa de amostra e obter conclusões relacionadas com o nosso estudo. **Inquérito por Entrevista:** baseia-se na comunicação entre o investigador e os inqueridos numa interacção verbal, para que os munícipes da comuna da Huila dessem também o seu parecer diante do problema em causa.

➤ **Amostra:**

A nossa amostra é composta por 5 pessoas para o nosso estudo, dos quais 3 são masculinos e 2 femininos. Sabemos nós que essa é uma amostra representativa e será fiel quanto os objectivos preconizados.

13. ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho estará estruturado por três capítulos, precedida de agradecimentos, dedicatória, resumo, índices, lista de siglas/abreviaturas e introdução. Constam, também, as conclusões, sugestões e a bibliografia.

Iº CAPÍTULO

CAPITULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS QUE SUSTENTAM AS INVESTIGAÇÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA NYANEKA/OVA MWILA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA DA HUILA.

1.1 A Morte na antiguidade

A palavra "Morte" deriva da língua Latina "mors", que significa: acto ou efeito de morrer, por fim a vida, ou seja o fim de estar no mundo é tido como morte. Nesta perspectiva, para Morin (1988, p. 26), «a morte não tem "ser" embora a morte não tenha "ser", não deixa por isso de ser real, ela acontece».

Na verdade, o conceito de morte, numa primeira fase desencadeia uma reacção muito sentimentalista para quem já perdeu um parente; para Morin (idem) a Morte é algo de irracional e absurdo, mas talvez seja imortalidade, talvez fim, talvez nada; partida, viagem, a Morte não remete apenas para si mesma; remete para uma pós-morte, para um "além". Assim, o desaparecimento de um indivíduo neste mundo "implica" a sua entrada num outro (crença cristã). Daí que o homem tenha procurado nos mitos e na religião alguma resposta ou forma de explicar a Morte e, se possível, o seu sentido, num confronto da razão com uma experiência-limite. Seja qual for a sua origem sócio-geográfico-cultural, o homem não pode suportar a ideia de que, depois de morrer, não existe nada. Então, como forma de luta contra o nada, socorreu-se de mitologias, ritos e outros processos mágicos e pragmáticos para transfigurar e ocultar a mudança na natureza do corpo, evitando confrontar-se com a sua decomposição, destruição irreversível que lhe revela a sua finitude nesta vida terrena.

Segundo Ariès (1988, p.45) «a morte temida não é a morte de si mesmo, mas a morte do outro». De facto, é mais doloroso ver alguém que tenha perdido o seu ente querido e não consegue superar-se porque acha que o mundo esta acabado. Assim, a crise do indivíduo revela-se perante a morte de um ícone na família que irá resultar num clima de angústias e neuroses que põe o conteúdo

da sua individualidade. Por outra, aqui experimenta-se a morte dupla, ausência do falecido, e a sua própria morte porque acha que a vida não tem mais sentido sem aquela pessoa, então, corrói-se a si próprio.

No entanto, para Morin (1988, p.238) “o homem não pode fugir dela e a sua aceitação é um ato revelador de uma actividade intelectual que domina o medo da morte, recalçando ou suprimindo o irracional. Desprezando a contingência, a particularidade, isto é, o que morre, Sócrates valoriza a vitória e o triunfo da libertação, pois o que morre é precisamente o que não é da essência do espírito, desvalorizando a morte em relação à vida do espírito, como se autodeterminando-se diante dela. A ideia socrática é a crença de que a consciência e a inteligência do homem podem superar e dominar – a sabedoria racional pode, por si só, reprimir as angústias da morte. "Na medida em que o indivíduo cristaliza as suas energias no seu entendimento – isto é, em que é antes de mais nada sábio, filósofo –, nessa medida pode triunfar da ideia da morte. Portanto, para Sócrates (IV. a.C, cit. por Mondin, 2012, p. 52) «a alma é claramente superior ao corpo e encontra-se nele como em prisão. A morte liberta a alma desta prisão e lhe abre a porta de vida melhor. Deve-se, por isso, cuidar da alma e não temer da morte».

Para Platão (IV. a.C cit. por Ariès 1988, p. 119) defendia a ideia de que a morte era a passagem da alma para outra "vida"; talvez um sono sem sonhos, uma transição catártica ou libertação. Que portas abrirá a Morte à nossa "consciência"? Na verdade, esta concepção é a recusa da associação do fim do ser à dissolução física – a crença num além da morte proporcionava um complemento de duração entre a morte e o fim dos tempos. Na mesma linha de pensamento, segundo ele a morte é uma "realidade invisível" onde haja, libertação suprema de todos os sofrimentos físicos e de todos os obstáculos. Enquanto, para Santo Agostinho, a morte é a passagem do mundo dos homens para a Cidade de Deus. Em suma, «a morte é a separação do corpo e da alma».

Outrossim, Aristóteles (430 a.C, 17ss, cit. por Mondin, 2012, p.107) «ensina inegavelmente a imortalidade da alma. Mas, para ele, a alma é imortal não enquanto exerce as vegetativas e sensitivas, nem mesmo enquanto exerce a

função de intelecto agente. Só o intelecto agente é divino e, por isso, imortal». Também, para ele, a separação da matéria e da forma cria morte.

A terminar, segundo Mondin (2013, p. 377) «a morte é a dissolução de um organismo vivo, em razão do desaparecimento daquela força singularíssima que o mantinha fortemente unido que é a vida. Portanto, a questão da morte está estreitamente relacionada com a vida. A solução de uma vale também a vida como solução de outra». Assim, nesta época podemos concluir que os filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, defendiam a imortalidade; negativamente, o termo significa ausência da morte; de forma, positiva qualifica a condição de vida perene da alma e da pessoa humana também depois do trágico evento da morte.

1.2 A Morte na época Moderna

Nesta época como é do nosso conhecimento que o homem procurou centralizar e resolver os seus problemas a partir dele próprio; já que denominou-se como época antropológica. Assim, o problema da morte não se distanciou dele mesmo, uma vez que queria saber-se de onde vamos depois desta linda jornada. Para Mondin (2013, p.377) «a morte (como também a vida) interessa ao homem antes de tudo e sobretudo na medida que o toca directamente, na primeira pessoa; ou seja, enquanto produz a dissolução do próprio corpo. Para ele, a questão que se coloca nestes termos: a dissolução do corpo é também a dissolução do seu verdadeiro ser ou, pelo contrário, o homem possui um Eu que não pode ser alcançado pela foice da morte?».

Na mesma dimensão, para ele o problema tem dois aspectos principais: um metafísico e outro gnosiológico. Assim, o aspecto metafísico procura esclarecer de que coisa é essencialmente constituído o homem: é feito só de matéria ou também de espírito? O corpo é prisão da alma (Platão), instrumento da alma (Agostinho, Descartes), componente essencial, mas subordinado à alma (Tomás). Quanto ao aspecto gnosiológico preocupa-se em verificar se a

questões como esta esta, da natureza profunda do ser do homem e da sua possível sobrevivência depois da morte são questões ao alcance da razão humana ou enigmas insolúveis. Deste modo, uma coisa é certa: mesmo para aquele que aceita a metafísica e crê na sobrevivência do ser do homem depois da morte, esta permanece sempre um *mysterium tremendum* (mistério tremendo).

Para Heidegger (apud Morin 1988, p. 277) vem defender a manutenção na angústia, a fim de procurar nela a verdade da vida e da morte, para pressentir o seu próprio destino, permitindo conhecer-se como ser votado à morte (logo, ser decadente que enfrenta o vazio) e assumindo-a através da experiência vivida da angústia. Assim, para ele a angústia é a nossa experiência do nada, revelando a estrutura fundamental da morte na existência humana; isto é, na antecipação da morte, experiencia-se a existência como finitude. A morte é o próprio núcleo da vida, é o sentido da vida (mas um sentido sem sentido). Viver nunca é mais do que viver a morte. Daí, a afirmação de Heidegger: «Desde que nasce, um homem é suficientemente velho para morrer». Ainda assim, segundo Morin (1988, p. 235) «Kant anula, igualmente, a ideia de Morte: a morte não existe, uma vez que não fazemos outra coisa senão pensá-la e representá-la. Feuerbach pensava, também, assim: A morte é um fantasma, uma quimera, pois só existe quando não existe».

Entretanto, para Guerreiro (2008, sd) no final do século XVII e no século XVIII, assiste-se a uma vontade de simplicidade na morte, de simplificar os ritos da morte, procurando desviar a atenção do fim da vida, dada a crença na sua fragilidade e na corrupção do corpo, revelando um sentimento inquietante do nada, fruto do vazio que a morte traz ao coração e ao amor da vida, dos seres e das coisas. Se a morte é dolorosa não é porque priva do gozo e dos bens da vida, como se pensava na Idade Média, mas porque significa a separação dos entes queridos.

Naturalmente, a morte, o enfrentamento do limite, é insuportavelmente angustiante, e esta angústia precisa ser domesticada pelas representações simbólico-sociais que a mediatizam, relativizando, a estranheza do evento. As interpretações míticas da morte cumprem esta função: esvaziar a angústia

experimentada diante de um fato ameaçador e tomará o fenómeno caótico, familiar. Fazer dele um fato sobre o qual o homem tem algum controle não requer, somente, explicações técnico-científicas. Os ritos presentes em nossa sociedade moderna, malgrado toda tecnologia e ciência racionalista, ocupam um espaço fundamentalmente legítimo e necessário à eufemização da angústia do fim. Tais ritos têm carácter protector da sociedade e restauram o conjunto social.

Um outro conceito sobre a morte pouco mais além do que o habitual é gizado por Menezes (2005) o que mais me impressionou e que anotei na ocasião foi a expressão “morte usurpada”, com referência a uma forma de morte, no ambiente hospitalar, relacionada a um tipo de exacerbação do processo curativo em relação à morte no ambiente familiar. Para ela, essa expressão se referi, a “morte moderna”, onde ocorre aquilo que é às vezes chamado de “encarniçamento terapêutico”, em que o doente é isolado num Centro de Tratamento Intensivo (CTI) e permanece, longe de seus amigos e familiares, ligado a aparelhos da moderna tecnologia médica, mesmo que isso seja completamente inútil para a obtenção da cura de sua doença.

Ao concluir, esta temática, segundo Morin (1988, pp. 242-243) «a imortalidade é, pela primeira vez, não afirmada, mas sim reivindicada, postulada, isto é, admitida claramente como uma necessidade antropológica. (...) a morte adquirirá um significado grandioso: deixará de ser o “Nada” dos filósofos antigos e tornar-se-á uma função racional, biológica, social e espiritual». Assim, a morte é, e será sempre a separação entre a dicotomia entre corpo-alma, mas podemos dizer que ela é também a passagem do físico ao mundo espiritual. Na verdade, a morte parece estranha e misteriosa, distante e por vezes alheia às nossas vidas. Ela quer-se ausente do nosso quotidiano, sendo afastada, repudiada e até escondida por cada um de nós, como o revelam as nossas atitudes de hoje. Evitamos pensar e falar na morte, e procuramos camuflá-la das mais variadas formas, ignorando a sua fatalidade ou desvalorizando o seu impacto na vida do homem. Observamos a morte como um desastre do homem e como um acontecimento preocupante e horrível, e por isso evitamos falar dela e esforçamo-nos a não pensar nela.

1.3 O Conceito de Morte na era Contemporânea

A partir da segunda metade do século XIX, inicia-se uma crise de morte, resultante de uma consciência em crise que corrói os conceitos, mina os pontos de apoio do intelecto, derruba as verdades, agita a própria vida e liberta angústias privadas. Nessa impotência da razão perante a morte, o homem vive num clima de angústia, de nevrose, de niilismo, assumindo o aspecto de uma crise da individualidade, fruto de uma intolerância nova em relação à separação não admitida dos entes queridos, dificilmente aceitando a morte do próximo mais do que noutros tempos.

De facto, para Frias (2003) a morte na actualidade tornou-se dona de um espaço pouco íntimo: o Hospital. Progressivamente deixou-se de morrer em casa para se usufruir de condições, que o hospital pode proporcionar, onde as decisões sobre a vida de uma pessoa se podem tomar sem o seu consentimento e mais grave ainda, sem o seu conhecimento. Sendo a morte uma realidade que mais cedo ou mais tarde nos bate à porta, o Homem poderá entristecer-se e lamentar-se da sua herança cultural, da sua herança social, da sua educação e da sua formação profissional que não o ensina nem o prepara para enfrentar a morte e muito menos para enfrentar a sua própria morte. Como não a compreende e poucas vezes a vivência, o homem tende a falar da morte como algo abstracto, estranho e alheio a si próprio, como se referisse constantemente a algo que só acontece aos outros.

Para Sell (2019) a filosofia existencial, porém, não fala na morte como o fim do “*estar no mundo*”, como algo que acontece quando tomo uma dose mortífera de veneno, nem mesmo analisa cientificamente a morte. “*Morte*” é exclusivamente a relação pessoal em que eu me acho para com a minha própria morte. Ou seja, como o significado que a “*morte*” tem para minha vida como o fim da mesma. Ainda assim, A “*morte*” nunca é para nós a morte dos outros. Mas a nossa própria morte. Como diz Heidegger: “Mesmo quando alguém se dispense a morrer por nós, não estamos dispensados de morrermos nós a nossa própria morte.

Para Rodrigues (2012, pp. 31-38) «A morte assumirá o papel de “descanso e alívio” do sofrimento ou ainda de “tragédia”, diferentemente do que julga o senso comum de “frieza” sobre os fatos tristes que ocorrem no dia-a-dia do hospital, pois esses trabalhadores são “gente cuidando de gente». Nesta perspectiva, segundo Jasper (1932, p. 193) «a morte como um facto objectivo da experiência não é uma situação limite. Não existe tal situação para um animal, que não sabe sobre a morte. O homem sabe que irá morrer, mas este conhecimento é apenas expectativas de um ponto indefinido no tempo; enquanto o único papel para ele é fazer evitar a morte, ela também não é uma situação limite».

Segundo Soares (1986, p. 444) «a nossa repugnância pela Morte é inata e está ligada à tendência a que chamamos instinto de conservação e que é indispensável para a sobrevivência do indivíduo e da Humanidade». Entretanto, para Thomas (2001, pp. 17 e 23) questiona (-se): « (...) onde situar a morte? Em parte alguma, como essência, pois a Morte-em-Si permanece fora de qualquer categoria (...), a morte impõe-se como um imponderável que desencoraja a razão, que nenhuma linguagem consegue dominar». Ainda assim, segundo Jaspers (1932) a morte aniquilaria tudo o que examinamos até agora no que diz respeito à “existência”. O fim do “estar no mundo” seria dado com a morte. Na verdade, não há dúvidas de que a morte é um grande mistério e que transcende a capacidade cognitiva do indivíduo.

Assim, na morte, o homem experimenta a mais profunda solidão, ao reconhecer a relação do “Eu” com o seu próprio fim; mas institui, também, uma relação com o outro, assumindo-se como um acontecimento de alteridade: é a ideia do duplo, mito universal que encontramos na experiência do reflexo, do espelho, da sombra, produto da consciência de si próprio e primeira percepção de si como realidade. Por um lado, corpo gozador ou sofredor; por outro, alma imortal que a morte liberta. Assim, o homem vai atribuir ao seu duplo toda a força da sua afirmação individual: é o duplo que é imortal e é ele a sua individualidade triunfante sobre a vida e a morte, ao salvar a sua integridade para além da decomposição.

Para Belmont (1997, p.46) as religiões, e em particular o cristianismo, concebem a Morte como uma passagem para o Além, onde os indivíduos serão recompensados pelo bem e julgados pelo mal que praticaram durante a vida. Assim, a Morte não é o ponto final da existência – um elemento sobrevive: a sombra (ou duplo) ou a alma (que é o duplo interiorizado, subjectivizado), elemento de essência aérea representado pelo corpo que se desaparece com a morte.

Nos dias actuais temos constado também uma outra forma de encarar a morte, já que para os da classe média ou alta quando se apercebem de que estão a falir economicamente a tendência é mesmo de tirar a sua própria vida (suicídio). Nesta visão aclara-nos, segundo Morin (1988, p. 69) o suicídio não é um ato de cobardia; é uma decisão tomada face ao sofrimento e ao desespero de um indivíduo que não encontra solução para o seu mal, lançando-se, voluntariamente, na morte. É nesse mal que ele encontra a força para ultrapassar o medo da morte e só aquele que não tem medo da morte é que é livre. De facto, para ele, o suicídio manifesta não somente que a sociedade não conseguiu expulsar a morte, não conseguiu incutir o gosto pela vida no indivíduo, como também está vencida, negada; nada pode por e contra a morte. Morrer incontrolado e contestatário, mais libertação do que aniquilamento, a afirmação individual, liberta de todas as prisões, obtém a sua vitória extrema na "suspensão do mundo", que é, simultaneamente, uma catástrofe irremediável.

Desta forma, para Bourdieu, (2009, cti. por Barbosa, sd) a um intuito de transcender a vida e livrá-los da angústia existencial da contingência e do abandono, ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte, mas também, e, sobretudo, justificativas sociais de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura social.

De forma geral, para Urbain (1997, p. 407) a Morte é condição natural do homem, como de todo o ser vivo corpóreo, dotado da condição de ser sexuado e de "ser para a morte". São, pois, vários os significados que se associam ou que traduzem a ideia de Morte, criações discursivas, mitológicas e filosóficas sobre a incognoscível experiência de morrer, fruto da adaptação a diferentes

ângulos de visão: evolução, transformação, mudança, fatalidade inelutável, absurdo, desilusão, desprendimento, estoicismo, pessimismo. Na verdade, para ele, o facto é que, recusando ou não admitindo a possibilidade de morrer, de desaparecer, de ser nada, para o indivíduo não deveria ser possível a representação da ideia de Morte. Estamos perante a relação do homem com o seu próprio corpo e a imagem de uma horrenda degradação, de um desgaste funcional, substituindo o "ser-para-a-vida" (que, submetido aos efeitos da passagem do tempo, era feito "ser-para-amorte") por um "ser-para-a-sobrevivência" e continuamente durar.

Para quem já perdeu um parente chega a ser muito difícil aceitar ou encarar a realidade da morte física visto que é, e será sempre e necessariamente irreversível, enquanto outras pessoas acreditam em ressurreição do espírito ou do corpo e outras, ainda, têm esperança de que futuros avanços na área da saúde, científicos e tecnológicos possam trazê-las de volta à vida, utilizando técnicas ainda embrionárias, tais como a criogenia ou outros meios de ressuscitação ainda por descobrir.

Em suma, a morte aniquilaria tudo no que diz respeito à “*existência*”. O fim do “*estar no mundo*” seria dado com a morte. A filosofia existencial, porém, não fala na morte como o fim do “*estar no mundo*”, como algo que acontece quando tomo uma dose mortífera de veneno, nem mesmo analisa cientificamente a morte. “*Morte*” é exclusivamente a relação pessoal em que eu me acho para com a minha própria morte. Ou seja, como o significado que a “*morte*” tem para minha vida como o fim da mesma. Na verdade, procurar definir o conceito de morte, nos nossos dias, chega ser tão difícil, porque a pode ser entendida, numa forma da não paralisação dos órgãos vitais; tal como nos diz Sell que a «Morte é alguém viver sem saber que vive». Assim, para Áriès (1989, p.145) diz que “durante milénios, o homem foi senhor absoluto da sua morte e das circunstâncias da sua morte”. Hoje deixou de o ser.

1.4 A visão da Morte para o africano

Antes de começar tal abordagem, diríamos que não é fácil mergulhar nos assuntos referente a morte muito menos quando o assunto é tradicional e cultural. Nesta perspectiva, segundo Soares (1986, pp. 408 - 409) «a morte é um dos temas mais difíceis de tratar, dada a sua complexidade e a ambivalência dos nossos sentimentos acerca dela. Qualquer tipo de discurso sobre a Morte é cheio de ambivalência, de fugas, de condicionamentos e de contradições».

De facto, para Barbosa (2015) o homem africano se ajustava ao mundo encarando e compreendendo à morte como resistência social e também como busca da sua ancestralidade através da influência cultural bantu com todo seu arcabouço simbólico. A morte é encarada como uma parte da vida e também como possibilidade de resgatar a estrutura da família novamente, juntando-se com seus ancestrais que já se foram (morreram) e, conseqüentemente, passam a aguardar aqueles que ainda não passaram por esse ritual (morte), era uma forma de juntar-se à família, e acabar com o sofrimento causado pela violência da colonização.

Entretanto, para Tempels (2009, p.2) «os africanos usam frequentemente certas palavras. Se trata daquelas que expressam seus valores extremos; se repetem como variações de um tema presente em sua língua, em seu pensamento e em todos os seus actos e obras. Na verdade, os africanos em tem como foco principal a preservação da vida, visto que para eles a vida é o seu valor mais alto ou seja, é o valor supremo de toda força existencial». Para ele, os espíritos dos primeiros antepassados, muito exaltados no mundo sobre-humano, possuem uma força extraordinária dado que são os fundadores da espécie humana e os propagadores da herança divina da fortaleza vital humana. Os outros mortos são apreciados na medida em que aumentam e perpetuam sua força vital na sua prole. Para o bantu, todos os seres do universo têm a sua própria força vital; humano, animal, vegetal ou inanimado. Cada ser foi dotado por Deus com uma certa força, que é capaz de fortalecer a energia vital do ser mais forte da criação: o homem.

Para Tempels (2009, p.idem), quando os africanos expressam uma diminuição da força vital (sua força vital diminuiu), sendo sua expressão em tal sentido mais do que razoável e sensata. Nas suas línguas, também existem verbos como *kufwa* e *fukwididila*, que indicam as etapas sucessivas da perda de força, perda de vitalidade, e cujas formas superlativas significam a paralisia total da força vital. É um erro completo traduzir essas formas verbais como “morrer” ou “morrer completamente”.

Na verdade, estamos todos de acordo que para o africano o homem não pára de viver quando morre já que ele ainda continua a interceder pelos vivos de diversas formas. Em suma, a morte é a evocação dos antepassados, uma vez que os mortos não morrem ainda continuam a viver nas nossas vidas». Enfatizando esta ideia, segundo Altuna (1993, p. 437) diz que «para o bantu, a morte se constituía como uma viagem infinita, por meio da qual todos se encontravam, uma vez que os antepassados continuavam unidos aos vivos, à família. Os laços vitais não se rompiam: “vivia-se morrendo e morrendo-se vivia».

1.5 O Significado da Morte para os Nyaneka-Ova mwila

Para os Nyanekas/Ova-mwila, isto é, na comuna da Huíla, a morte nunca é natural, é sempre fruto de um espírito mau do passado, vulgo de bruxaria, feitiço, o *Wanga*, razão pela qual após o óbito pesquisa-se as causas da morte do falecido (a), por intermédio de um adivinho, faz-se um ritual em que sacrifica-se um animal bovino, caprino, cordeiro ou uma ave, para determinar as causas verdadeiras da morte do indivíduo. Nesta visão, segundo Tempels (2009, p.2) «ao invocar à Deus, aos espíritos ou aos espíritos dos antepassados, os pagãos pedem acima de tudo: “dai-me força”. Quem lhes inste a abandonar os rituais de magia, por serem contrários a vontade de Deus e, portanto, maus, será replicado com a pergunta: “No que são maus? ”. O que nós consideramos mágico não é, aos seus olhos, senão activar as forças naturais que Deus pois a disposição dos homens para aumentar sua energia vital».

Para Melo e Amélia (2008, pp.180-181) o reconhecimento de Deus, como um ser supremo, integra-se no conjunto das crenças religiosas tradicionais dos handas. No contexto dessas crenças, além da existência de uma denominação específica, na própria língua dos handas, para designar a Deus, nomeadamente Suku, Kalunga, Ndjambi, ou Huku são-lhe reconhecidos atributos vários, tais como a onisciência, a onipresença, a justiça e outros que, como diria Carlos Estermann, “são idênticos aos que fazem parte do corpo doutrinário das religiões [ditas] reveladas”. Apesar de invisível, crê-se que exerce a sua influência sobre os homens por intermédio dos espíritos ancestrais e das forças da natureza, uma crença, aliás, apontada por diversos estudiosos como sendo extensível a África.

Entretanto, segundo Melo e Amélia (2008, p.181) no quadro das crenças mencionadas, Deus não se confunde com os *onohande* (espíritos ancestrais). Estes funcionam como intermediários dos homens. Pela sua anterioridade na terra e, sobretudo, pela natureza extraordinária do seu ser, os espíritos ancestrais são designados por *ovakulu* (os mais velhos). De facto, para Ribeiro (2009, p. 79) «a morte é uma passagem extramente complexa por se tratar não somente de um fenómeno natural, a dissociação corpo-alma, mas também de uma mudança de regime ao mesmo tempo ontológico e social».

Desta feita, segundo Altuna (1993, p.439) nos lembra que a morte ocasiona uma mudança de estado porque é uma passagem que modifica a personalidade, portanto, um ritual pode proporcionar «uma passagem de um trânsito em que alguma coisa se desprende, desaparece ou liberta que são fundamentais no pensamento bantu, pois os conduzem ao novo estado do homem, a uma nova maneira de existir». Na verdade, o significado da morte na comunidade dos “*Nyaneka/ova mwila*” sofre uma outra visão com o surgimento das influências europeias. Nesta senda, para Barbosa (2015) com a invasão cristã advinda da colonização e da cultura portuguesa, a morte para os angolanos sofre um pouco a influência católica e passa a ser além da busca da ancestralidade (concepção africana) ser também a busca do céu (concepção católica), que não pode ser conquistado através dos suicídios, e sim pela

influência e a adesão ao cristianismo, que exige a dedicação total do fiel para ter direito ao céu (salvação).

Ainda assim, segundo Nures (2010, p.3) diz que dentro de todo o sistema religioso e cultural bantu, o qual os angolanos fazem parte, os seres humanos são o centro da criação e de toda a relação com a natureza e o mundo que os cerca. A ancestralidade, assim como os idosos, a festa, a música, são elementos indispensáveis para entender e penetrar em seu universo religioso e cultural, pois para o bantu cultura e religião estão intrinsecamente interligadas e interagindo, de forma que a religião se torna o conjunto que comporta em seu interior todos os elementos importantes para os bantu: as ideias, os sentimentos e os ritos, formando um grande património cultural negro africano composto por mitos, orações, construções literárias presentes na tradição oral, poesias, músicas e representações artísticas e performáticas.

Em suma, em todas as culturas ou raças tem sempre uma forma de explicar o fenómeno da vida e da morte, mas todas elas convergem na medida em que acreditam sempre no ser transcendental (ser divino) como aquele que lhes ajudará a consolar-se das suas inquietações e indagações, bem como, o conforto e esperança de dias melhores, mesmo que seja depois ou após a morte. Assim, podemos dizer que para os cidadãos da comuna da Huíla, há aqueles que foram aculturados nas práticas cristãs que a creditam na ressurreição de nosso senhor Jesus Cristo, para eles, a morte é simplesmente o lugar de transição do mundo físico para o mundo espiritual, onde adquiriram a salvação pelas boas praticas vividas cá na terra. Enquanto que para os não aculturados, vivem simplesmente acreditando nas práticas dos seus ancestrais, como é o caso do feitiço e da bruxaria, itens que veremos com mais por menores no segundo capítulo.

IIº CAPÍTULO

CAPITULO II: DIAGNÓSTICO DO ESTADO ACTUAL SOBRE A PROBLEMÁTICA DA MORTE NA ETNIA-NYANEKA/OVA MWILA: UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNA DA HUÍLA.

2.1- Breve historial da Comuna da Huíla.

A comuna da Huíla é uma das quatro comunas que compõe o município do Lubango, e também é conhecida por Lupolo, foi fundada em 1856, pelos portugueses da ilha da Madeira, e ocupa uma superfície total aproximadamente de 640 km², limita-se a Norte pela comuna da Arimba a Sul pela comuna do Jau, pelo Leste o Município da Chibia, pelo oeste a comuna da Palanca.

Na verdade, Administração comunal (2014) situa-se a 20 km da cidade do Lubango e, tem cerca de 12.588 de habitantes, e o seu povo é maioritariamente mwila, na sua maioria pastores e dependem da agricultura de subsistência e da criação de gado. Quanto a religião, na sua maioria professa o catolicismo. De facto, a comuna da Huíla possui um clima semi-temperado com duas estações, durante o ano, época chuvosa e época seca, e os seus solos são cultiváveis, o que possibilita a prática da agricultura.

- **Organização Política do Estado**

Temos o Ministério da Administração do território, (Administração comunal e os seus sectores e povoações). O Ministério do Interior, o Ministério da Saúde, o Ministério da Agricultura, da Juventude e desportos e o Ministério da educação.

- **Ministério da Educação**

O Ministério da Educação na comuna da Huíla, conta com 29 Instituições Escolares, sendo 23 do ensino Primária, 3 do I ciclo e 3 do ensino médio (Magistério Primário da Huíla, o PUNIV e o Seminário Propedêutico, Seminário Médio-Religioso, pertencente a Igreja Católica) uma Direcção, das escolas de nominada Coordenação Escolar Comunal da Huíla, dependendo da Direcção Municipal da Educação, Ciência e Tecnologia do Lubango e da Direcção Provincial da Educação Ciência e Tecnologia da Huíla.

- **Principais actividades**

As principais actividades realizadas na comuna da Huíla são: a pecuária, a pesca, a agricultura de subsistência, a pastorícia e a criação de gado bovino e caprino e também a criação de ovelha para auxiliar na pratica da agricultura e este povo tem com a Sua Principal riqueza o Gado.

- **Organização Política e Partidária**

Quanto a Organização política, na comuna da Huíla, destaca-se os seguintes partidos políticos: MPLA, UNITA, CASA-CE e PRS

- **A Religião**

No que se refere a religião destaca-se o catolicismo onde os seus culto são realizados no famoso monumento Histórico da Missão Católica da Huíla e na Missão do Mundinho, e seus respectivos centros comunitários, pertencentes aos Missionários do Espírito santo, (Espiritamos) e encontra-se algumas seitas que se proliferam dia pois dias. Os Munícipes da Comuna são na sua Maioria Católicos.

- **Turismo**

Já no turismo encontramos a fenda da cascata da Huíla, alguns riachos, lagos e lagoas.

- **Direito Costumeiro e Autoridades Tradicionais**

Monarquia

Do ponto de vista do direito costumeiro a Comuna da Huíla é uma Monarquia, onde temos um Rei, cinco sobas e vinte e seis sekulus e seus principais colaboradores, e regedores tradicionais, onde o rei trata das questões relativas a chuva. Já os Sobas e os séculos velam pelas questões meramente tradicionais, de feitiçarias, ou bruxarias, Ukoy, (adultério no caso de alguém se envolver com a mulher alheia). Questões que os tribunais não dão solução a luz da legislação angolana.

Mercados

Temos apenas cinco mercados, que se encontram nas seguintes localidades: um na sede comunal , um no Siningui, um no km 16, um no kamuviu e o outro na Nampanda, denominada praça das batatas doce.

2.1 O homem diante da morte na comuna da Huíla

A morte meche com a estrutura ontológica do ser humano, de acordo com o filósofo Nietzsche «a raça dos mortais vossa vida é igual a nada ninguém é mais feliz que a ilusão sonhada. A dialéctica da vida desenvolve-se de forma espiral, basta nascer, crescer, reproduzir e envelhecer para começar a escrever nas páginas da vida esta grande obra que culmina com o nosso desaparecimento físico, vulgarmente conhecida por morte. Tal como vimos em matéria anterior, a morte é dada como o fim de estar no mundo enquanto ente vivente». Para os cristãos católicos a vida não termina com a morte, apenas se transforma, o ser humano deixa de pertencer ao mundo físico e passa a pertencer ao mundo espiritual.

No dia-a-dia o ser humana pensa na morte e sente-se inseguro, porque a vida é curta, daí surge a seguinte frase: aproveitar todas as oportunidades porque a morte pode nos surpreender e a vida é boa. É evidente que a sociedade africana tenha manifestado tanto interesse pelo desconhecido, devido ao «elevado contacto com a mortalidade, e sendo a morte tão imprevista, ela se tornou como parte familiar da vida, pois as histórias de guerras, epidemias, fomes, escravidão e enfermidades endémicas os habituaram a morrer» Altuna (1993, p.437). Ainda assim, acreditamos também que a força em viver independentemente do sofrimento, é uma marca desse povo africano, já que dignifica seus ancestrais com actos de coragem no diz respeito ao enfrentar as agruras sociais.

Naquilo que podemos observar nas famílias que perderam os seus parentes é visível a falta de confiança de si, visto que o desespero os corrói. Segundo, Costa (2005, p.15) o surgimento de angústia, frustração, medo e a falta de preparo de alguns enfermeiros em lidar com a morte, muitas vezes, é

mencionado como uma falha do ensino de graduação, que não apronta esses profissionais para a dura rotina dos hospitais, que é viver em comum com o sofrimento alheio. Esse sentimento de medo leva à reflexão, já que o enfermeiro cria mecanismos e formas para vivenciar a situação do processo de morte e morrer que podem ser positivas ou negativas, tanto para si mesmo, quanto na relação com os outros.

Entretanto, para os munícipes da comuna da Huíla, a morte é sempre vista nas suas várias dimensões já que é encontramos os assimilados (cristãos) e não assimilados (os não batizados). Assim, (J. Jacob, comunicado pessoal 25 de Abril de 2021) «a morte é a separação entre a dicotomia entre corpo-alma, mas podemos dizer que ela é a passagem do físico ao mundo espiritual». Uma outra definição sobre a morte é gizada por (J. Horácio, comunicado pessoal 25 de Novembro de 2020) «na verdade, culturalmente, a morte é a evocação dos antepassados (em forma de espírito), uma vez que os mortos não morrem ainda continuam a viver nas nossas vidas». Para quem acredita em feitiço ou em práticas satânicas (bruxaria) não admira quando alguém diz que os mortos continuam a interceder em nossas vidas.

Em suma, o homem sente-se ameaçado (morte) com tais práticas (bruxaria) visto que transcendente a capacidade cognitiva do ser humano. Ainda assim, é muito mais conturbado sabendo ou suspeitando que seu parente tenha morrido pela prática sobrenatural; o que veremos com mais por menos nos itens a seguir.

2.2 Origem dos Nyaneka.

Para começar diríamos que "Nyaneka" é um grupo etno-linguísticos que chegou em Angola no século XVI, vindo dos grandes lagos entrando pelo sul de Angola, tendo atravessado a Província do Cunene, atingindo o Planalto da Huíla. O mesmo povo representando actualmente 5 % da população angolana.

Assim, para Tyamukwvo (2013, p.7) conta-se que estes grupos etno-linguístico dos avanyaneka na sua migração eram conduzidos por uma serpente que se

instalou na localidade então, conhecida pelo nome de **Mbandje**, mais tarde no Lubango onde se situa a sede comunal da Huíla, a 20 km da cidade do Lubango.

2. 4 Distribuição do Povo Nyaneka

O povo Nyaneka está distribuído pelas seguintes províncias: Huíla, Cunene, Namibe e Benguela, desde os municípios de Chongoroi, Quipungo, Quilengues, Matala à norte, a fronteira com a vizinha República da Namíbia a Sul.

Assim, para Tyamukwvo (2013, p. 7), o povo «*Nyaneka*» é composto pelas seguintes tribos: 1- os Muilas (Ova mwilas); 2- Os Gambus (Ovangambues); 3- Os Humbes (Ovancumbi); 4- Ndonguenas (Ovandonguena); 5- Os handas (Ovahanda); 6- Os Quipungos (Ovatchipungos); 7- Os Hingas (Ovahinga); 8- Os Kuancas (Ovakuanca); 9- Os Quilengues (Ovatchilengues) e por último 10- Os Umbis (Ovahumbi).

De forma geral, a palavra «Nyaneka» traduzindo literalmente para a língua portuguesa obtém o seguinte significado: estender. O povo Nyaneka faz parte da linhagem bantu, sabemos que nem todo povo que habita em Angola é Bantu. Conta-se que nos dias de hoje encontramos Nyanekas-Ovamwila, espalhados por toda Angola e, em algumas Regiões de África e do Mundo, por diversas razões: académicas, (formações), Negócios emigraram à procura de melhores condições de vida.

Neste trabalho iremos detalhar exclusivamente do grupo etnolinguístico Nyaneka/ova-mwila. Os Ova mwila estão divididos por dois grupos: Os tradicionais «Conservadores» que rejeitaram a colonização, a cultura europeia, (os não assimilados) e os que aceitaram as culturas europeias (Os assimilados), e no mesmo povo encontramos pretos ou negros, mestiços vulgos mulatos. Tantos os que aderiram a cultura do ocidente como os que não aderiram, utilizam e acreditam na tradição da sua cultura.

2.5 Rituais Fúnebres

De um modo geral, os rituais fúnebres para os Nyaneka/Ova-mwila. são realizados da seguinte maneira: após o cadáver completar 48 horas ou mais é realizado o funeral de imediato. Para os que abraçaram o cristianismo, o cadáver passa pela igreja e é rezado a missa de corpo presente, depois é enterrado no cemitério, aos que não abraçaram o cristianismo ou no caso de suicídio voluntário o cadáver não é realizado a cerimónia religiosa e, é de imediato enterrado.

Assim, naquilo que podemos colher quanto a nossa pesquisa é que o rito funerário, enquanto rito de passagem, caracteriza o esquema de integração – separação – integração, onde é necessário morrer para (re) nascer; no dia seguinte, os familiares próximos do falecido juntamente com a viúva, enceram o óbito varrendo as cinzas, e determina-se quem vai meter o luto, (entre 6 meses a um ano) e fazendo-se a partilha dos bens do falecido. Casos há em que a partilha é feita de maneira desonesta e desorganizada na presença do cadáver (para os que não aderiram a cultura europeia, os não assimilados). Assim sendo, pensar na morte dá-nos uma ideia perplexa da vida. Para os cristãos fala-se da ressurreição, o que nada está aprovado cientificamente, diante da morte, o ser humano não consegue fazer ressuscitar um cadáver, é e sempre será impossível tirar o homem deste sonho tão profundo (morte). Pensar e reflectir sobre o fim da vida revela a perplexidade do homem diante da problemática da morte.

Para Imbamba (2010) é um fato evidente que cada povo possui um leque de regras e convivências sociais que formam e educam o agir das pessoas, regem as relações entre si, garantindo o respeito, a fraternidade, unidade e principalmente a solidariedade que consideramos ser a principal marca das famílias angolanas nos rituais da morte. De facto, a morte de um parente tem criado vários transtornos na sociedade angolana e dos familiares. Segundo Altuna (1993, p.437) «familiaridade irremediável, designação, gozo, pela passagem, designação do ser, mistério e absurdo, desgraça impotência, transtorno social, comunicação, na nova realização individual e comunitária, revolta perante um violento desastre antinatural, segurança ou receio».

Nesta perspectiva, segundo o sekulu da zona (A. Kakuarta, comunicado pessoal 12 de Janeiro de 2021), há momentos de choro e de partilha da dor e das memórias do defunto, os funerais e os óbitos, agora para os não assimilados, podem ser observados momentos singulares como o divertimento, a disputa, a exibição do poder e das economias da família e do defunto, ou mesmo como uma combinação desses elementos

A terminar, as cerimónias de luto e práticas funerárias são variadas independentemente dos assimilados e não assimilados. De forma geral, os restos mortais de uma pessoa, comumente chamados de cadáver ou corpo, são enterrados. A forma de disposição mortuária pode, contudo, variar significativamente de cultura para cultura. Entre os fenómenos que induzem à morte ou seja, os mais detectados na nossa investigação são: doenças (com tratamentos modernos e tradicionais), suicídio, assassinato, acidentes entre outros.

2.6 O Conceito de Feitiço

Entendemos por feitiço ou feitiçaria todo acto ou acção que visa transformar ou alterar a realidade humana e geralmente considerada negra pela religião ou formas de práticas não-oficial. De forma geral, quando falamos de feitiçaria primeiramente pensamos em África e nos africanos, mas já na idade média, segundo Vainfas todo colono que não assimilava a religião católica, era acusado de bigamia, concubinato, sodomia e feiticeiros ou bruxos.

Segundo, Extermann (1983) feitiço é uma palavra que provém do francês «fetiche» que significa «feito». Que tem dado aso á grandes confusões ou seja pessoa detentora de um espírito mau do passado capaz de infernizar os humanos com o seu poder. Diante dessa questão, poderíamos dizer que o feitiço existe, uma vez que é substrato. Segundo as nossas investigações são os detentores do feitiço àqueles que herdaram dos seus antepassados; na verdade, encontramos também aqueles que dizem ter recebido devido as

péssimas condições de vida que se encontravam (pobreza), com o objectivo de subir na vida.

Em geral, wikcionário (2016) o feitiço é um tipo de acção que ocorre na outra pessoa para obter certos resultados que tal pessoa sofre, quem vai se apaixonar com quem executa tal coisa (o feitiço).

De facto, na nossa investigação encontramos muitas evidência que provam a existência de tais práticas, não só pelo número de pessoas que morrem, mas pela prática da famosa mina tradicional (tala ou mukeke, nteta, tytaquelo, mbindi ou luvhindo), diante desta triste realidade temos a certeza de que todo aquele que já teve (parente) nas condições de uma mina tradicional não seria capaz de negá-lo.

Para terminar, queremos rematar com as palavras do nosso ancião da zona (A. Dionísio, comunicado pessoal 23 de Janeiro de 2021) quando diz que «o feitiço existe ... a quem recebeu para diversos fins: ser um bom funcionário, tirar a chuva, ter muito gado, ter muitas mulheres, ter protecção do mal vindo dos outros feiticeiros etc. ... Casos há que ele usa simplesmente para fazer o mal nos outros que estão a desenvolver ou a crescer na vida». Na verdade, encontramos uma frase em volta daqueles que não tem feitiço e que estão crescendo na vida «vou dar um banho para me livrar do mal» que quer dizer que ele consulta os detentores do poder tradicional para o livrar do mesmo mal, em forma de anjo de guarda.

2.6.1 Classe dos Feiticeiros.

No olhar clínico e minucioso chegamos a concluir que o feitiço existe, apesar de encontrarmos pessoas que ainda diante de tal abordagem se sentem céptico, assim fazem parte da classe dos feiticeiros ou bruxos os seguintes elementos:

- A) **O adivinho** – aquele que exerce a função de detectar o mal ou o asar que nos acontece, bem como, a sua prevenção e a sua possível solução.

- B) **O Kimbandeiro** - aquele que trata, cura a doença (que a medicina convencional não consegue dar solução), também faz a vez do adivinho e consegue te dar coisas sobrenatural (riquezas, ...), deste modo, ele exerce as funções de médico na comunidade.
- C) **O Nganga ou bruxo** - aquele que é tido como Feiticeiro ou o Bruxo provoca o mal, mata, atormenta e inferniza os humanos, causando um caos na Sociedade. Que é sempre consultado para fazer o mal.

Na verdade, podemos dizer que os três poderes são independentes, mais apesar de haver casos em que uma só pessoa exerce as três funções, sendo: **A) Kimbanda, B) Adivinho C) Nganga ou Bruxo**. Ainda assim, poder é ao mesmo tempo uma enfermidade do paciente (o introduzido). O referido poder é incarnado matrinialmente, e é sempre feito por um «Ansião» aquele que é perito na matéria e detentor das forças ocultas que também pode fazer o papel de juiz caso o introduzido não siga as regras. Portanto, tais práticas são feitas com recuso a sociedades secretas ou ocultas.

Reparamos o seguinte: Se o antepassado teve um espírito bondoso, quem o herda também será bondoso. Se foi maléfico o herdeiro também torna-se num autêntico maldoso, aterrorizando a vizinha e os familiares e a sociedade em geral. Nesta visão, segundo Extermann (1983, p.208) muitos daqueles que exercem tais práticas não quiseram ter os mesmos poderes, mais sim os herdaram dos seus antepassados. Começando por adoecer com uma epidemia que a medicina moderna não da solução, ao devido tratamento. A solução é feita mediante a um ritual, em que sacrifica-se um animal, e de imediato é introduzido na prática da obscuridade.

2.7 A Herança e a sua partilha na comunidade dos Nyaneka/Ova mwila

Segundo, o Código Civil angolano, na categoria de herdeiros legítimos diz o seguinte: «são herdeiro legítimo os parentes, o conjugue e o estado, pela ordem e segundo as regras constantes do presente título» (Cfr. Artigo 2132). A herança e ao sua partilha cabe ao cabeça de casal. Para que não se perca a deterioração da herança é lícito que qualquer um o administre.

A ordem por que são chamados os herdeiros, sem prejuízo do disposto no título de a adopção, é a seguinte:

- a) Descendentes;
- b) Ascendentes;
- c) Irmãos e seus descendentes;
- d) Conjugue;
- e) Outros Colaterais até ao sexto grau;
- f) Estado (Cfr. Artigo 2133).

De facto, isso tudo acontece só a luz do Código Civil angolano, que na cultura do povo nyaneca/ova mwila é totalmente diferente.

A cultura desde sempre nunca se sobrepõe aos padrões universais uma vez que a sua maior característica é a particular ou seja é a cultura é sempre regional. Assim, para os Nyanekas/Ova mwila a herança é dado aos sobrinhos do falecido, filhos da irmã, excluindo os reais herdeiros que são os seus filhos. Na verdade, isso acontece mais aqueles que não estão desvinculados da cultura ou seja os tradicionais (conservadores). Nesta perspectiva, segundo o sekulu da zona (A. Kakuarta, comunicado pessoal 12 de Janeiro de 2021), é, que há situações que nem os filhos ficam com a sua herança e ainda assim caso que você (filho) regista (se recuse) acabas morto numa forma súbita, visto que a família vai consultar os feiticeiros. Deste modo, naquilo que podemos e observamos tanto os filhos e a viúva em caso de não cedência também podem correr o risco de perderem a casa deles, já que segundo os princípios dessa cultura diz que os filhos só tem o direito daquilo que o pai lhes deu em vida.

Segundo, o bantu se houver divergência de senso ou seja o caso de não entendimento a saúde da família do falecido (a), pode entrar em colapso, até que ele se renda livremente. Nesta dimensão, esta mesma família tem de pedir desculpa ao público (sentada família).

Essa realidade não foge muito para ao povo huilano. Concretamente os nyanekas/Ova mwila que segundo o que podemos observar a herança para este povo, é, e sempre foi grande disputada chegando mesmo a causar morte, intriga, doenças que a medicina moderna não consegue dar solução, inveja,

deixando as famílias desestruturadas económica e socialmente, e fragilizando assim a amizade e os familiares. No entanto, há dizer que para que a pessoa viva em paz quando herda algo que é muito cobiçado pela outra parte, o melhor é recebe-la e oferecer a outrem.

O problema da herança mexe com todas as famílias principalmente quando o falecido deixa riquezas, por essa razão casos há em que os familiares mais próximos adiantam com a morte do seu avó, pai entre outros muitos mais quando se trata de um idoso ou muito jovem que tenha a tendência de crescer na vida. Aqui é visível também a morte do sentido e o sentido da morte, uma vez que, adianta-se a pessoa para ficar com os seus bens e poder se apoderar de todos seus pertences (riquezas).

Na verdade, é uma atitude negativa, visto que matar-se um inocente para ficar com os seus bens, coisa que acontece com os conversadores da cultura (Nyaneka), isso acontece mais quando alguém é idoso. Portanto, segundo o sekulu (A. Dionísio, comunicado pessoal 23 de Janeiro de 2021) «a morte para os mumuilas é complexa: se fores rico os parentes próximos podem matar-te, para ficarem com os seus bens».

Portanto, a herança nesta comunidade é sempre problemática, e feita muitas das vezes de forma desonesta, uma vez que os verdadeiros herdeiros só ficam com aquilo que receberam do seu pai em vida, fora disso recebi os sobrinhos filhos da irmã do falecido, conforme rege os princípios dessa cultura do grupo etnolinguístico dos nyaneka-ova mwila.

IIIº CAPÍTULO

CAPITULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO INQUÉRITO POR ENTREVISTA

3.1- Preliminares da Investigação

3.1.1- População

Para Zassala (2017), a população representa o grupo total do qual a amostra será retirada. Fizeram parte desta pesquisa cidadãos angolanos de diversos estratos sociais.

3.1.2 – Caracterização da Amostra

A amostra, é uma partícula da população na qual se quer trabalhar. Assim, a nossa amostra foi, direccionada para 5 (cinco) munícipes da comuna da Huíla, em particular os sekulus da zona do Kilometro Dezasseis, dois (2) de 80 anos de idade e 1 (um) na fase dos 50 anos, e 2 estudantes.

3.2 Instrumento da nossa Pesquisa

A entrevista semi-estruturada é que serviu para a recolha de dados empíricos que comportou 5 questões.

3.3- Análise do conteúdo das entrevistas

Para mantermos o anonimato dos entrevistados, optamos por substituir suas identidades pela letra **E**. As questões aplicadas foram: **Q¹¹** O que é a morte para os nyaneka-ova mwila? **Q²**- Na sua comunidade (nyaneka-ova mwila) é constante as advinhas (práticas ocultas) quando morre um parente? **Q³**- Acreditas que os mortos intervêm na vida dos vivos. Sim ou Não, porquê? **Q⁴**- A Morte de um familiar te faz pensar que Deus não exista? **Q⁵**- É visível as práticas das superstições como o sacrifício de um animal para determinar a morte de alguém na sua cultura?

Na **Q¹²**, a resposta foi bastante dividida.

E1, pronunciou-se:

¹ Utilizamos a letra **Q** como abreviatura da expressão questão.

² Q1, usamos para identificar a primeira questão

«Falar de morte é coisa complicada, ela não existe: o corpo matéria pára de funcionar, mas o espírito continua vivo, não existe morte, só existe vida. Morrer é na verdade passar de um estado de vida para o outro. De facto, a pessoa física deixa de funcionar mas a consciência é eterna aos nossos antepassados»³.

E2, opinou:

«Na nossa cultura, isto é, nyaneka-ova mwila, com a morte, o defunto transforma-se, por um lado, em antepassado da sociedade, com poderes particulares para actuar em prol da família ou dos amigos em forma de protector (anjos) e da sociedade a que pertence, e, por outro, em mediador entre Deus e os homens»⁴.

E3, argumentou:

«A morte é uma mudança que concomitantemente supõe paragem e continuidade, no sentido de um novo modo de viver mas os mortos continuam a ter ligações familiares (quem morre é ainda considerado como membro da família) e sociais (o defunto é ainda contado como membro da sociedade»⁵.

E4, analisou:

«A morte é um fenómeno irrefutável perante os nossos sentidos: todos os seres vivos, inclusive os humanos, morrem. Morrem porque são vivos, porque como sistemas irreversíveis são “programados” biologicamente para morrer e, talvez, devam morrer para que outros seres da mesma espécie possam viver»⁶.

E5, observou:

«Pensar na morte é pensar nos defuntos que são altamente respeitados e temidos segundo a sua importância e anterior conduta moral»⁷.

³ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

⁴ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

⁵ Entrevista realizada no dia 30 de Maio de 2021

⁶ Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

⁷ Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

Na **Q2**, todos entrevistados afirmaram que na comunidade (nyaneka-ova mwila) em que vivem é constante as advinhas ocultas quando morre um parente em caso de morte súbita ou de uma doença prolongada.

E1, considerou:

«O ser humano fica o tempo todo se perguntando de onde terá ido o seu parente (falecido) e por quê tão cedo assim, essas inquietações faz com que os familiares dos defuntos consultem os sábios da nova era (Kimbanda, Adivinho e Nganga ou Bruxo)».⁸

E2, notou:

«Eu, já vive esse momento doloroso em que o morto foi tirado do local da sepultura por isso experimentamos ir ao Kurandeiro ou Kimbanda, sei que vás querer saber se funciona sim funciona é só você não ir no aprendiz, de facto lá você descobri quem terá matado o seu familiar».⁹

E3, observou:

De forma geral sim, as advinhas nas nossas culturas tem sido uma forma de prevenção aos vivos, já que quem matou o falecido talvez tenha a tendência de eliminar mas um membro da mesma família e neste caso faz-se tratamento dos suspeitos a seguirem (a morrer) e isto apareci no animal sacrificado com maior pendor nos pulmões, no fígado, na língua, e no coração vem rasuras¹⁰.

E4, expressou:

Na verdade, as advinhas é símbolo de pecado para os cristãos mas na nossa realidade é símbolo de prevenção aos enfermos para detectar quem realmente está fazer sofrer assim o outro.¹¹

E5, clareou:

A morte é vista como forma de tentações de forças ocultas (entre famílias) por essa razão ela mencionada aos advinhas para retribuir quem realmente terá

⁸ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

⁹ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

¹⁰ Entrevista realizada no dia 30 de Maio de 2021

¹¹ Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

feito o tal mal que terá dado no desaparecimento do seu parente, dado como morte. Na verdade, sim é visível as advinhas na nossa comunidade¹².

Na **Q3**, na verdade daquilo que fomos vendo e ouvindo no decorrer do nosso trabalho quanto a essa questão queremos salientar que dos 5 entrevistados 2 negaram categoricamente que os mortos não podem intervir na nossa vida (**E1** e **E4**).

E2, afirmou: sim, porque os espíritos dos nossos antepassados nos protegem, de qualquer mal que acontece em nossas vidas, segundo a nossa cultura dos nyaneca-ova mwila,(anohande mbo vakulu)¹³.

E3, expressou: sim, quando alguém morre, o corpo desce, e a alma ascende, e vigia a vida dos seus familiares e se opõe a qualquer força maligna que visa fazer mal¹⁴.

E5, rematou: Sim, os mortos sempre estão sempre connosco, a diferença é que não podemos os ver e conversar pessoalmente com eles, mais a verdade é que caminhamos sempre juntos, lembrando-nos um do outro¹⁵.

Para a **Q4**, podemos dizer que não houve muita produção já que a **E3, E4 e E5** consideraram que a morte de um familiar lhe dá mais força na crença em Deus ou seja fortalece-lhes a fé. Os demais entrevistados dividiram seus comentários, afirmaram que a morte de um familiar lhe faz pensar que Deus não exista.

Veja as opiniões:

E1, afirmou:

No âmbito restrito podemos afirmar que a morte de um familiar me faz pensar sim que Deus não exista, porque ele é o sumo Bem, e a morte diz o contrário, já que viver é sempre uma Bênção ...¹⁶

E2, destacou:

¹² Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

¹³ Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

¹⁴ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

¹⁵ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

¹⁶ Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

A morte é vista como um infortúnio e destruição da existência humana, então podemos dizer que Deus é conivente deste infortúnio ou mal, porque Deus permite a sua existência (a morte de um cidadão)¹⁷.

Para a **Q5**, os entrevistados sugeriram:

E1, sugeriu: Sim, normalmente quando alguém morre, na comunidade dos nyaneka-ova mwila, depois de encerrar o óbito, busca-se as causas da morte do falecido por intermédio de advinhas, sacrifício de um animal bovino, caprimo, coordeiro ou ave, denomina-se (Okutayndja o mwelno uou wankya, o ku tapessa).¹⁸

E2, opinou: Não, quando alguém morre não adianta pesquisar a sua vida ou as causas da morte, por via de superstição porque não há uma certeza de que aquilo que o curandeiro disse seja verdade¹⁹.

E3, expressou: Não, quando alguém morre, não adianta pesquisar as causas da sua morte por via da superstição, porque causa problemas na família e com a vizinhança²⁰.

E4, notou: Sim, quando alguém morre tem que se saber e pesquisar as causas da sua morte, para uma melhor prevenção familiar²¹.

E5, expôs: Sim é conveniente saber as causas da morte de alguém, para melhor nos prevenirmos ao meio em que estamos inseridos²².

3.4 Discussão e implicações dos Resultados.

3.4.1 População e amostra.

¹⁷ Entrevista realizada no dia 05 de Junho de 2021

¹⁸ Pesquisar a vida de alguém que morreu.

¹⁹ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

²⁰ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

²¹ Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

²² Entrevista realizada no dia 25 de Maio de 2021

Os resultados desta pesquisa foram obtidos como já se referenciou, por intermédio de entrevista semi-estruturada a pessoas de vários estratos sociais, entre os quais (2)dois sekulus e outras (3) três pessoas entendidas na matéria.

Tendo em conta as respostas dos entrevistados fez-se a seguinte análise: O que é a morte para os nyeneka/ova mwila? Na verdade, foi notório observar uma certa divergência relativamente a esta questão, sustentando que a morte é apenas uma contínua, já que os mortos vivem e intercedem por nós. Enquanto que para muitos ela é fim de uma vida terrena.

Ao desejarmos saber sobre o papel dos advinhas, kimbanda e bruxos/feiticeiros, encontramos vários problemas, já que o caso é tratado de forma muito delicado e com muito sigilo por parte dos detentores do poder sobre natural. Ainda assim, alguém falou aos nossos microfones que a parte material ou visível é só quando você vê um cadáver como consequência disso vê no espelho por intermédio de um adivinho ou curandeiro.

Ao final percebemos que a morte de alguém naquela comunidade em caso de dúvidas ou suspeita é sempre vista como um atentado a família do falecido por essa razão busca-se um curandeiro para detectar se a morte foi provocada ou natural, em caso de ser provocada manda-se o mesmo espírito buscar quem terá feito e amarra-se esse espírito para não virar contra os demais (O hande²³ no mambali ²⁴).

Esta não-resignação à morte determinará o desenvolvimento da angústia do nada. A Morte passa a ser vista como o não-sentido da vida e o indivíduo sente-se desamparado perante um acontecimento que não vê como uma purificação ou uma libertação, mas como uma destruição irreversível e inevitável do ser. Morrer já não evoca um além, mas o vazio e o nada.

²³ Espírito.

²⁴ Feitiço ou bicho invisível

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Conclusões

Durante o nosso trabalho, procuramos ser fielmente quanto aos objectivos preconizados ou seja aqueles que nortearam a nossa investigação. Na verdade, abordar esta temática, constituiu um desafio enorme, por abranger um espaço temporal tão vasto e com acontecimentos de diversa índole. Assim, concluímos que:

De forma geral, a morte nos dá a chance de analisar o bem que fazemos ou deixamos de fazer, apesar de ser uma situação muito difícil de acreditar quando ela bati as nossas próprias forças, na verdade, ei é um mundo doloroso.

Por outra podemos dizer que na nossa pesquisa vimos também que a morte é um fenómeno que «se constituía como uma viagem infinita, por meio da qual todos se encontravam, uma vez que os antepassados continuavam unidos aos vivos, à família. Os laços vitais não se rompiam: “vivia-se morrendo e morrendo-se vivia» Altuna (1993, p.437). Nesta perspectiva, os cidadãos da comuna da Huíla afirmam mesmo que os mortos continuam a interceder nas vidas dos vivos de tal forma que conseguem nos salvar dos grandes perigos.

Já mesmo para terminar, diríamos que a morte aniquilaria tudo o que examinamos até agora no que diz respeito à “*existência*”. O fim do “*estar no mundo*” seria dado com a morte. Nesta lógica, segundo Martinez em geral « (...) a morte aparece não tanto como uma negação essencial (destruição e desaparecimento total do indivíduo), mas sim como certa privação de alguns elementos existenciais».

Sugestões

Feita a análise histórica em torno do fenómeno morte, reconhecemos, com humildade, que, apesar da aturada investigação de múltipla natureza que realizamos, outros contributos serão sempre bem-vindos. Somos ambiciosos por um projecto de uma nova Angola. De facto, a morte é um fenómeno que deixa-nos sempre suspense ou dúvida por essa razão não nos permitiu colocar um ponto final sem antes discorrermos a matiz para as seguintes sugestões:

- Que a morte sendo um fenómeno natural os munícipes da comuna da Huíla tenham mais cuidados, em: ter uma boa alimentação, ferver água para beber, dormir debaixo do mosquiteiro, possuir higiene corporal, isto tudo para evitarmos a morte antecipada.
- O governo melhore o modo de vida das populações daquela localidade.
- Que as igrejas sensibilizem a população, a abandonarem a superstição.
- Que as Organizações Não Governamentais, sensibilizem a população a entender as causas do fenómeno da morte.

Referências Bibliográficas

Altuna, R. A. (1993). *Cultura tradicional bantu*. (2.ed). Luanda, Angola: Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral.

Ariès, P. (1988). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa, Teorema.

Barbosa, F. J. (2015) *Nas fronteiras da liberdade: colonização, descolonização e ritos fúnebres na Angola contemporânea*. Tese de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC.

Barbosa, F. J. (sd) Profº Doutor da UniAges/BA: *O ritual de morte dos grupos Kimbundu e Umbundu como dignificação social em Luanda*.

Belmont, N. (1997), "Vida/Morte" (s.v.) in Ruggiero Romano (dir.). *Enciclopédia Einaudi. Vida/Morte. Tradições – Gerações*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, volume 36.

Coelho, C. (2012) (Coordenação) *Código Cível*. Luanda (Angola): Plural Editores.

Guerreiro, E. (2008). *Mestrado em Literatura – Especialização em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve*.

Jaspers, K. (1932). *Filosofia*. Trans. E.B. Ashton (1969-1971). Chicago: Universidade de Chicago. (3vol). Berlim: springer.

Kirkpatrick, H. (Director). (2007). J. Wood e J. Carter (editores): *o julgamento do diabo* [Film]. Kirkpatrick Films.

Lakatos, E.M; Marconi, M.A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ªed). São Paulo, Brasil: Atlas.

Melo, J; Amélia, R. M. (2008) *A morte, os defuntos e os rituais de "limpeza" no pós-guerra angolano: quais os caminhos para pôr termos ao luto?* Afro-Ásia. Universidade Federal da Bahia Bahía, Brasil.

Melo, R. «*Nyaneka-Nkhumbi*»: uma carapuça que não serve aos Handa, nem aos Nyaneka, nem aos Nkhumbi. <http://>: Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa. extraído aos 12 de Outubro de 2019

Menezes, R. A. (2000) *Dífceis decisões*: uma abordagem antropológica da prática médica em CTI. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Mezzaroba, O; Monteiro, C.S. (2008). *Manual de Metodologia da Pesquisa do Direito*. São Paulo, Brasil: Saraiva.

Mondin, B (2013), *Introdução à filosofia: Problemas. Sistemas. Autores. Obras*. São Paulo (Brasil): Paulus

Mondin, B. (2012). *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*. Vol. 1. 17ªed. São Paulo (Brasil): Paulus

Morin, E. [1988], *O Homem e a Morte*. (Coleção "Biblioteca Universitária" n.º 19). Mem Martins, Publicações Europa-América, 2.ª edição.

Paz, O. (1984) *O labirinto da solidão*. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.

Quivy, R; Campenhoud, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Portugal: Gradiva. In: <http://pt.scribd.com/doc/37937019/Quivy-e-Campenhoudt-Manual-de-Investigacao-em-Ciencias-Sociais>, extraído aos 3 de Julho de 2014.

Revista Nures no. 16, Setembro Dezembro 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X 1 Revista Nures no. 16, SetembroDezembro 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X

Soares, J. A. Silva (1986), "Morte" (s.v.) in Roque Cabral et alii (Comissão Executiva). *Polis. Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, volume 4.

Taylor, A. C. (1991), «*Ethnie*», in: Pierre Bonte & Michel Izard (eds.), *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Presses Universitaires de France, Paris

Tempels, R. P. Placide (2009). *La philosophie bantoue*. Éditions de l'Évidence, Disponível em: <http://www.eglise-realiste.org/pdf/philo_bantoue.pdf>. Acesso em: 25. 05. 2020.

Urbain, Jean-Didier (1997), "Morte" (s.v.) in Ruggiero Romano (dir.). *Enciclopédia Einaudi. Vida/Morte. Tradições – Gerações*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, volume 36.

